

VI Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Valdivia, 2007.

# La Ciudad Real y la Ciudad Ideal: Los Desafíos del Mirar.

Tania Elias Magno da Silva.

Cita:

Tania Elias Magno da Silva (2007). *La Ciudad Real y la Ciudad Ideal: Los Desafíos del Mirar*. VI Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Valdivia.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/vi.congreso.chileno.de.antropologia/112>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eCzH/bQO>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

## PARTE I: LA CIUDAD, SU DESARROLLO Y TRANSFORMACIONES

# *La Ciudad Real y la Ciudad Ideal: Los Desafíos del Mirar*

Tania Elias Magno da Silva\*

### **Resumen**

Este artículo discute la relación entre la ciudad real y la ciudad ideal. El sentimiento de pertenencia y la identidad del lugar de morada son cortados por las emociones, las realizaciones y las frustraciones. La ciudad es el producto de las subjetividades y por eso es múltiple y dinámica. No se puede hablar de la ciudad como si hubiera solamente una. Se hace necesario enfrentar el desafío de las múltiples miradas y de las múltiples experiencias las cuales traducen la ciudad real en la ciudad imaginaria y la ciudad imaginaria en la ciudad real.

**Palabras Claves:** Ciudad, identidad y imaginario, imagen, antropología urbana, sociedad.

### **Abstract**

This article discusses the relationship between the real city and the ideal city, also called dreamed city. Both the belonging's feeling and the identity about the place of inhabitation are crossed by emotions, realizations and also frustrations. As the result of subjectiveness, every city characterizes it self is a multiple and dynamic body. Because of this mutiplicity, the city, a human phenomenon, can't be treated as unique. So, it's necessary to face the challenge of both multiple looking and multiple experiences that translate the real city in a imaginary one, by one hand, and the imaginary city in a real one, by the other hand.

**Keywords:** city, imaginary, image, Urban Antropology, society.

Todos nós idealizamos viver na cidade sem males, ou seja, buscamos a cidade ideal que povoa nossos sonhos, alimenta nosso imaginário. Ítalo Calvino (1994) nos ensina em *As cidades invisíveis*, que guardamos na memória a terra de nossos sonhos e a procuramos encontrar por onde andamos. Qualquer fragmento pode nos remeter a cidade guardada na memória, mesmo que ela só tenha existido para nós.

Marco Pólo falava de Veneza quando descrevia para Kublai Khan as cidades que havia visitado, pois era essa a imagem que lhe dava o sentido de cidade e Marcovaldo (1994), outro personagem de Calvino, vivia intensamente a sua cidade nas imagens que dela fazia. Seguindo essa trilha podemos afirmar que a cidade ideal para muitas pessoas poderia ser uma cidade cheia de chaminés fumacentas vomitando pelo ar a matéria indesejada. Chaminés de poderosas fábricas geradoras de emprego e, de certo, de lucros também. Nesta cidade sonhada por muitos, ninguém teria tempo de olhar a cor do céu, mesmo porque o cinza das nuvens poeirentas seria a tonalidade maior do colorido celeste e todos jurariam que o paraíso era cinza.

De certo para as pessoas que sonhavam com outra cidade mesmo vivendo na cidade das chaminés, esta seria a visão do inferno e ficariam a imaginar de que cor seria o paraíso, bem como a se questionar como alguém poderia ver naquela cena dantesca o lugar ideal?

Mas a cidade das fábricas e chaminés, dos horários corridos e apitos estridentes, de pessoas apressadas, de um cinza eterno, poderia muito bem estar realizando o sonho de muitos desempregados, muitos Marcovaldos esquecidos, que como um imenso cordão humano, já haviam perambulado por todas as ruas de uma cidade azul em busca da porta mágica que se abria graças a uma placa com os dizeres: Há Vagas. Ah! Enfim a cidade ideal! Aquela que emprega e tira da exclusão e miséria milhares de indivíduos, que embora já a povoassem eram como que seres invisíveis, pois nada existia que lhes desse um sentido de pertencimento a ela. A cidade dos sonhos restituindo-lhes a dignidade humana. Enfim, comida na mesa, estômagos cheios, sono mais tranquilo, aluguel quitado, filhos anjos dormindo num barraco/casa/lar,

---

\* Universidad de Sergipe, Programa de maestría en Sociología. taniamagno@uol.com.br

permissão para pequenos sonhos... O cinza celeste seria olhado com gratidão e as partículas vomitadas pelas chaminés bem poderia ser interpretada como chuvas abençoadas, que os céus estariam enviando, embora aos poucos estivessem asfixiando aqueles organismos, matando-os lentamente enquanto se permitiam sonhar.

Contudo, para outros sonhadores de cidade, o sonho da cidade das chaminés realizaria o desejo de viagens, de gastos, de desperdícios, de luxos supérfluos, de um consumo desenfreado responsável por sérios danos ambientais, tudo para que pudessem viver felizes em outra cidade, sem chaminés, fumaça, apitos, barulhos, inquietações. Longe da chuva negra que os céus mandavam para rapidinho povoar o espaço de anjos. A placa na porta com os dizeres: Há Vagas, significaria que a regra do jogo estava sendo cumprida e que os dividendos estavam compensando os poucos gastos com o controle das emissões tóxicas que as chaminés vomitavam para o delírio dos recém empregados. Além, é claro, dos poucos salários pagos a estes últimos, afinal, os lucros eram privatizados, mas alguém teria que pagar o ônus da empreitada...

Ademais, o céu que os cobriria, seria eternamente azul e límpido de uma outra cidade, uma cidade de flores, onde morariam livres e felizes. A mesma cidade sob dois olhares e diferentes funções.

Sonhos. Sonhos de uns, pesadelos de outros, mas não é o pesadelo também um sonho? A imaginação e os sonhos de que dela provém é, como esclarece Bachelard, «a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é, sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens» (1990, p: 1).

A cidade ideal é aquela que realiza nossos sonhos, concretiza nossos desejos. Neste sentido, uma cidade é sempre um singular/plural. Não há uma única cidade, mas tantas quantas podem os nossos olhos imaginários captar, desejar e vivenciar.

Quantas Aracajus (imagine a sua cidade, qualquer cidade) existem? Obviamente, que num sentido administrativo ou geográfico dos limites territoriais físicos ela é singular, só há uma, mas essa classificação identitária não reflete a realidade sócio-cultural e imaginária da cidade, pois as fronteiras do social não se limitam às régua e compassos dos legisladores, planejadores e administradores e é na dimensão imaginária que ela se faz presente a seus moradores, que se reveste de uma aura particular que a torna singular e única. A cidade se concretiza na dinâmica da vida social, nos

seus habitantes, eles são a cidade. São eles que lhe dão existência e sentido de existir, sem eles as cidades são mortas, são fantasmas que nada representam.

Na dimensão imaginária existem cidades até no espaço celeste, perdidas nos sonhos de alguém, sem fronteiras, sem rumos definidos. Para muitos religiosos existe uma cidade celeste que nos aguarda, onde tudo é paz e felicidade, onde as ruas são de ouro. E por mais que para muitos isso seja lenda, mito, fantasia, para os que professam essa fé ela é real e até palpável.

As cidades, como bem se referiu a esta questão Josué de Castro ao falar «da sua» Recife, têm formas, cores, sons, cheiros tantos quantos possam imaginar seus moradores, as cidades tem alma.

O Recife, capital do Nordeste, não é cidade duma só cor, nem dum só cheiro (...) Por seu arranjo arquitetônico, pela tonalidade própria de cada uma de suas ruas, o Recife é desconcertante, como unidade urbana, impossível mesmo de caracterizar-se (...) Cidade feita de manchas locais diferentes, não há por onde se possa apanhar na fisionomia das casas o tom predominante da alma da cidade. (1957: 13).

As cidades são como mães, tem filhos, são amadas, queridas, protegidas, mas também odiadas e abandonadas. Há um sentimento de pertencimento a nos envolver, eu pertenço a ela e ela a mim. Há uma perigosa e estranha cumplicidade nesta relação, pois ela não é plural no sentido de envolver a todos que vivem nela, não. Eu a vivo intensamente, para o bem ou para o mal, amando-a ou odiando-a, mas isto não me obriga a ter nenhum envolvimento ou comprometimento com seus outros moradores/usuários. É como se eu e ela fossemos únicos. Há um egoísmo nesta relação de amor ou de ódio. Ela é minha.

Claro que a cidade é de todos que nela vivem e dela usufruem, mas eu os dispensio, não os conheço e alguns não quero conhecer e se pudesse, aliás, faço isso através de minhas atitudes, bani-los-ia para sempre da minha cidade. Maculam, denigrem, poluem com suas presenças a mãe-amante-donzela cidade. São seres indesejados, são umas espécies de lixo.

Karen Armstrong (2000), ao falar da cidade santa Jerusalém, deixa bem claro a dimensão imaginária que confere as cidades inúmeras identidades, nem sempre harmoniosas, mas que tem para os diferentes indivíduos que a povoam finalidades similares, no caso específico de Jerusalém, o caráter sagrado.

Circulando por esses locais, descobri que a cidade real era muito mais tumultuada e confu-

sa. Tinha de admitir, por exemplo, que Jerusalém era muito importante também para os judeus e os muçulmanos (...) As pessoas conseguiam ver o mesmo símbolo de maneiras totalmente diversas. Sem dúvida veneravam sua cidade santa, porém sempre estiveram ausentes de minha Jerusalém. E, no entanto, a cidade continuava sendo minha (...) Relacionada com alguns dos fatos mais importantes de minha vida, Jerusalém era parte inseparável de minha própria identidade. (2000, p: 1-2).

Essa é a questão que está presente quando falamos da nossa cidade, ou de qualquer cidade, não há uma lógica cartesiana guiando o nosso olhar e a descrição/sensação/emoção que fazemos dela. As nossas referências são frutos muito mais de nossa subjetividade, de nossos sentimentos, de nossa vivência/experiência do que podemos imaginar. Falamos com os olhos da alma. Individualizamos o espaço social. Afinal, ao falar da cidade em que vivo e sobrevivo, ao idealizá-la em meu discurso, reproduzo as imagens que eu, indivíduo e não coletivo, faço e teço sobre ela. São produtos das minhas reflexões, de meus sonhos, de minhas frustrações, de minhas esperanças, de minhas angústias, falo da minha cidade como se ela existisse para satisfazer os meus desejos.

A cidade não pode ser entendida apenas como o espaço urbano e sua aparência, não pode ser vista de fora e informada por terceiros se quisermos captar a sua essência, não é possível captar o sentido da cidade se nos colocamos, e não raro o somos, viajantes ocasionais, turistas descomprometidos com o sentido de ser da cidade.

Em seu estudo sobre Brasília, *A cidade do silêncio*, Silva (2003), descreve duas situações que vivenciou: A de turista e a de usuária e moradora da cidade e reflete acerca dos limites que tinha enquanto visitante temporária para captar o sentido da vida brasileira:

Quando turista – esse é um tempo longo, descontínuo e marcado por distintas experiências emocionais, vivências e representações simbólicas – a cidade provocava-me um estranhamento mais positivo que negativo. Brasília era para mim, até então, somente aquilo que eu podia notar por meio dos sentidos mais imediatos – apenas o espaço urbano e sua aparência. Aquele era um tempo em que a cidade era vista de fora e informada por terceiros. Um tempo em que a condição de viajante ocasional não me capacitava a

perceber Brasília a partir de seu interior, a vivê-la e senti-la como totalidade (2003,02).

Eis um desafio para os planejadores e gestores urbanos que acreditam agir com objetividade ao traçarem novos rumos para as cidades, ao programarem o seu futuro, a sua estética, a sua funcionalidade. Eles, não raro, também têm sobre a cidade uma visão estereotipada, embasada em valores e modelos exógenos do que imaginam deve ser/ter uma cidade. É um olhar estrangeiro que toma por base as experiências e valores de outras cidades, como se todas fossem iguais e seus usuários/moradores tivessem os mesmos desejos e sentimentos, a mesma história, os mesmos sonhos. Desconhecem e muitas vezes desdenham do que ela representa no imaginário coletivo dos que a vivenciam e idealizam.

A cidade é um singular/plural, tem facetas variadas, múltiplas funcionalidades, contradições nem sempre perceptíveis aos nossos olhos, pois as coisas se revelam aos meus olhos conforme as posso captar, ou quero captar. Mas, meus olhos vêem o que penso que eles vêem? Ou estarei sendo traído pelo olhar da alma, ou seja, do sentimento, da emoção, do imaginário?

Edgar Morin (1986, 25), ao discutir novos paradigmas para a compreensão da realidade humana, questiona se sabemos ver e nos mostra através de alguns exemplos o componente alucinatório da percepção e adverte: *devemos desconfiar, na nossa percepção, não somente daquilo que nos parece absurdo, mas também do que parece evidente, porque é lógico e racional* (1986 25).

O que o autor nos chama a atenção é para a influência que os valores sociais têm sobre a nossa maneira de captar a realidade social e justificá-la sob uma pretensa lógica racional. Afinal, será que vemos o que pensamos que vemos? Eis a pergunta desafio que Morin nos faz.

A nossa capacidade imagética nos torna seres cósmicos, no sentido de que nos realizamos na dimensão imaginária de uma complexa simbologia que criamos para definir o mundo e a nós mesmos. Contudo, temos os pés atados no planeta em termos de espécie que precisa, para continuar existindo, suprir suas necessidades físicas, tais como comer, dormir, agasalhar-se etc. Ora, saciar a fome é uma necessidade que todo e qualquer ser humano tem, porém, como as necessidades podem advir do estomago ou da fantasia (Marx, 1980), até a sensação de fome pode ser socialmente produzida, bem como a forma como a saciamos.

Toda equipe de planejadores e gestores urbanos precisa ter ciência desta faceta da natureza humana, ou seja, a de criar e viver sempre numa dimensão imagética, simbólica. Apesar de a vida social ser produto de um construto coletivo, as subjetividades de que é composta, é que lhe dão o sentido, e estas são ímpares que não se confundem com o todo. Portanto, neste sentido, a sociedade é sempre singular e plural e é nessa dimensão que deve ser pensada.

Novamente voltamos a questionar: o que é a cidade a ideal? O que é a felicidade?

De certo, ela dificilmente será encontrada onde há miséria, fome, insegurança, onde a dignidade humana é aviltada. Mesmo nas situações mais adversas, como nos casos de guerra, quando as cidades são devastadas e tudo desaparece no estourar de uma bomba, a cidade dos sonhos continua a existir e dar sentido a cada novo amanhã. Assim, seus moradores procuram sempre encontra-la nos escombros que restaram, e reconstruí-la sempre que preciso. Não raro guardam na memória as imagens necessárias para esta reconstrução.

A cidade dos sonhos é idealizada por todos nós. Alguns já vivem nela em seus condomínios de luxo, distantes da outra cidade habitada pelos sem lugar definido (Bauman, 1998, 2005a, 2005b), os refugos da modernização, o lixo moderno. Mas, ela estará sendo idealizada por esta população de banidos, dos chamados modernômades (BUARQUE, In BURSZTYN, 1997), só que não será a mesma que idealizam os moradores dos bairros de luxo, os incluídos, viajantes bem vindos da pós-modernidade (BAUMAN, 1998 e 1999). É como se tivéssemos vivendo em mundos paralelos que nunca se encontram, embora ocupem o mesmo espaço físico. E essa é a questão, são mundos distantes e antagônicos, ocupam espaços bem diferenciados. Há certo surrealismo nesta situação, pois ela se sobrepõe ao real.

Uns querem uma cidade que os aceite, que os receba e acolha. Outros que justamente procure banir para longe esses moradores indesejados. Há um conflito entre os incluídos e os excluídos da cidade, ou talvez fosse mais correto afirmar que há diversas formas e qualidade de inclusão, e é justamente esta a questão, pois cada um idealiza e vive a cidade conforme se situe nela.

Novamente recorro a Calvino (2000), para refletir sobre as inúmeras representações que a cidade suscita aos seus moradores conforme a vivenciem. Em O Caminho de San Giovanni, ao escrever sobre o afazer

doméstico de «botar o lixo fora», Calvino tece um diálogo com as lembranças que esta tarefa lhe trazia da cidade de sua infância e da Paris moderna na qual estava residindo e a cidade confunde-se com uma multiplicidade de sons, cores, odores e funções, mas é sempre sob o ângulo de suas experiências pessoais que a cidade é retratada. É como se somente ele a tivesse desfrutado e entendido o seu sentido. De certo, necessariamente, outros sujeitos ao descreverem o ato de colocar o lixo na rua, ou a sua «poubelle agréée»<sup>1</sup>, não seguiriam o mesmo itinerário ou teceriam as mesmas considerações e todos estariam se referindo ao mesmo ato e a mesma cidade.

É possível inclusive que poucas pessoas tomassem o ato de colocar o lixo fora de casa como tema de reflexão. A Paris que o autor descreve é aquela que seus olhos conseguiram captar, que lhe dá sentido de existência e que resulta da posição que ocupa como sujeito social. Não sem razão o autor questiona-se sobre os limites de suas reflexões como parâmetro do que pensam sobre a cidade outros sujeitos que a habitam, em especial aqueles que vivem e desfrutam o avesso da cidade.

(...) em Paris o trabalhador italiano já se transformou em pequeno empreendedor, o espanhol em operário qualificado, o iugoslavo em pedreiro, a mão-de-obra mais tosca é portuguesa, e, quando chegamos aos que removem a terra com a pá ou varrem as ruas, sempre é a mal descolonizada África a erguer seus olhos tristes da calçada da metrópole, sem cruzá-los com nossos olhares, como se uma distancia irrecuperável ainda nos separasse. E você, no sono, sente que o caminhão não tritura apenas lixo, mas vidas humanas e papéis sociais e privilégios, e não para enquanto não tiver cumprido todo o seu percurso.

(...) Carregando o caminhão, o imigrante em seu primeiro trabalho visita a metrópole através de seu avesso: avalia a riqueza ou a pobreza dos bairros pela qualidade de seus resíduos, sonha através deles, o destino de consumidor que o aguarda.

Mas como posso eu inferir o que pensa e vê o homem que veio da África esvaziar a minha poubelle? É sempre e somente de mim mesmo que falo é com minhas categorias mentais que procuro compreender o mecanismo do qual faço (fazemos) parte (2000 89,92).

Os moradores de um bairro periférico, pobre, esquecido pelo poder público, idealizam que cidade? Como será

a cidade que alimenta o imaginário social dessas pessoas? Que tipos de sentimento/pertencimento podem ter para com a cidade que não os acolhe como filhos amados, mas como bastardos indesejados?

Como vivem, sentem, pensam os chamados moradores ocultos? Aqueles que habitam a cidade, percorrendo todos os dias as suas ruas, entrando e saindo muitas vezes dos mesmos logradouros que freqüentamos, estendendo as mãos nas esquinas para vender alguma mercadoria de baixo valor, ou mesmo esmolando, mas que parecem não existirem, pois dificilmente alguém lhes dirige uma palavra ou sequer um olhar, são como sombras que se deslocam sorratamente, fantasmas que o vento carrega.

Onde moram? Como moram? Como (sobre) vivem? Sonham? Não raro, essas pessoas podem ser quase nossos vizinhos, mas é como se habitassem uma espécie de não-lugares<sup>2</sup>, necessariamente não são bairros afastados, periferias, podem estar localizados bem ao alcance das vistas de todos, embaixo de pontes, viadutos, nas margens de rios poluídos, nos alagadiços, nas beiras de estradas, agarrados em algum muro, ou mesmo dividindo alguma antiga residência senhorial, como que a desafiar os fantasmas dos antigos donos. Contudo, parecem ter uma estranha invisibilidade. Estão ao mesmo tempo tão perto e tão longe. São como os anjos de W. Wenders<sup>3</sup>, sussurram para nós, mas temos dificuldade em ouvi-los, que dirá de vê-los.

O poeta Chico<sup>4</sup> nos deixou pistas, quando se referiu aos moradores do Brejo da Cruz<sup>5</sup>, estranhos seres que teimosamente insistem em se alimentar de luz e que muito novos viram anjos e ficam azuis. São pessoas que cruzam conosco todos os dias, mas é como se fossem imperceptíveis, pois não são notados, surgem e desaparecem sem deixar rastros, ou quando muito morrem na contramão atrapalhando o tráfego.

Carolina de Jesus, ao escrever Quarto de Despejo – Diário de uma favelada (1963), por diversas vezes referiu-se ao sentimento de banimento que sentia na favela onde residia e expressou o desejo de morar em um outro local:

Se eu pudesse mudar dessa favela! Tenho a impressão que estou no inferno, desabafou a escritora em seu diário, ao escrever sobre a sua dura realidade de catadora de papel nas ruas de São Paulo, mas é imaginando outra vida que Carolina parecia conseguir enfrentar as dificuldades diárias: Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que estou sonhando.

O livro de Carolina nos mostra a dura realidade da vida cidadina vivida pelas populações pobres, marginalizadas, e o tema da fome, da revolta, da humilhação, da discriminação e da esperança de que dias melhores virão, portanto do sonho, estão sempre presentes em sua obra.

Escrito no final da década de cinqüenta, do século passado, o livro é um testemunho da luta pela sobrevivência enfrentada cotidianamente por milhares de Carolinas por este país afora, é atual e desafiador. Fala dos pobres urbanos, dos sem teto ou dos quase sem teto, dos biscateiros, dos catadores de rua, dos viradores (BURSZTYN: 2000), descreve a vida de uma cidade pelos subterrâneos da vida urbana, daqueles logradouros que não enfeitam nenhum cartão postal. Fala de um jardim onde crescem cogumelos e de pessoas que são tratadas como seres perigosos que ameaçam, poluem e enfeiam o ambiente.

Mas a cidade também é deles. Eles a idealizam e a vivenciam, são seus personagens diários, impregnam nela seus sons, cores, odores e se esses moradores fossem descrever a cidade em que vivem, um caleidoscópio de idéias surgiria, teríamos uma cidade multifacetada, fragmentária, misturada com as carências de cada um, com as revoltas, com as frustrações, com os desejos, com as mais estranhas idealizações. Contudo, se esta mesma cidade fosse descrita pelos moradores de um bairro nobre, planejado, bem localizado, habitado por indivíduos que desfrutam dos prazeres que a cidade oferece, por sujeitos com identidade e referência, notados, servidos com sorrisos, realizadores de sonhos, como seria descrita a cidade ideal? Como gostariam que fosse?

Se comparássemos as duas idealizações, as diferentes cidades que povoam a mente de seus moradores veríamos quantas cidades existem e coabitam o mesmo espaço, quantas cidades há para se construir, quantos sonhos há para se realizar e teríamos a partir desse mosaico construído pelos variados discursos e visões sobre a cidade dos sonhos, algumas pistas de como ajudar a tornar possível a concretização da cidade sonhada por todos, não a partir de modelos prontos, oficiais, do que nos disseram ser bom, ideal, mas do que nós que fazemos a nossa cidade queremos que ela seja não se esquecendo nunca que ela será sempre um singular/plural e por demais humana.

Será a concretização de sonhos diferentes, antagônicos por vezes, povoará inúmeros imaginários, trará estranhas felicidades, realizará de diferentes maneiras

os seus moradores e se algum forasteiro a visitar e a achar estranha porque não se encaixa em nenhum modelo existente e recomendado, é sinal que finalmente ela estará cumprindo o seu papel, sendo para os que a vivem e constroem a cidade ideal.

Se os gestores urbanos não forem capazes de compreender essa dimensão da realidade social, não puderem acompanhar os sonhos e devaneios dos moradores das cidades, não forem indivíduos capazes de captar a poesia urbana dos cidadãos, haverá um tremendo hiato entre o feito e o sonhado e, por mais bela que a aparência da cidade revele-se, na sua essência essa não será a cidade ideal, a cidade dos sonhos.

Esse deverá ser um processo contínuo enquanto houver homens e sonhos, sempre re-construindo, sempre re-inventando, re-criando, ao mesmo tempo em que preservando e conservando. A cidade e suas memórias, ruas, praças, casas, lugares, pessoas, idéias, monumentos. Traços do passado misturados às cores fortes do presente, desafios aos urbanistas que precisarão ter alma de artista, sensibilidade, deverão ser uma espécie de «voyeur» da modernidade, criadores da cidade das flores em jardins de cogumelos.

## Notas

<sup>1</sup> Poubelle Agrééé é a denominação dada à lixeira comprada pelos parisienses segundo as normas estabelecidas pela prefeitura. Calvino denomina esta sua crônica de La Poubelle Agrééé.

<sup>2</sup> A respeito dos não-lugares Marc Auge (1994) reflete sobre os limites do processo de individualização que vem ocorrendo nas sociedades ocidentais e que se reflete na morte do lugar antropológico.

<sup>3</sup> É uma referência a imagem criada pelo diretor de cinema alemão Win Wenders nos filmes *Tão Longe, Tão Perto* e *Asas do Desejo*.

<sup>4</sup> Refiro-me ao músico, escritor, poeta e cantor Francisco Buarque de Holanda, conhecido no mundo artístico como Chico Buarque.

<sup>5</sup> O Brejo da Cruz é uma metáfora poética que exprime com muita propriedade as contradições e contrastes da vida urbana da maioria das cidades brasileiras, algumas típicas Brejos da Cruz.

## Bibliografia

- ARMSTRONG, Karen. (2000) *Jerusalém. Uma cidade, três religiões*. São Paulo: Cia. das Letras.
- AUGÉ-Marc. (1999) *O Sentido dos Outros*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- BACHELARD, Gaston. (1990) *O Ar e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes.

BAUMAN, Zygmunt. (1998) *O Mal-Estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. BURSZTYN, Marcel. (org.) (2000) *No Meio da Rua. Nômades, Excluídos e Viradores*. Rio de Janeiro: Garamond.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. 6ª reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. (1994) *Marcovaldo ou As Estações na Cidade*. São Paulo: Cia. das Letras.

\_\_\_\_\_. (2000) *O Caminho de San Giovanni*. São Paulo: Cia. das Letras.

CASTRO, Josué de. (1957) «A cidade» e «A perspectiva ideal de uma cidade». In: *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Brasiliense.

HOLLANDA, Chico Buarque. (1989) *Chico Buarque – Letra e Música 1*. São Paulo: Cia. das Letras.

JESUS, Carolina Maria de. (1963) *Quarto de Despejo. Diário de uma favelada*. 9ªed. São Paulo: Francisco Alves.

MARX, Karl. (1980) *O Capital (Crítica da Economia Política)* Livro 1: O processo de produção do capital. 6ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MORIN, Edgar. (1986) *Para Sair do Século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

NAIPAUL, V.S. (1997) *Índia. Um milhão de motins agora*. São Paulo: Cia. das Letras.

SILVA, Tânia E.M. da. (outubro, 1999) «A Modernidade do Lixo» In: CANDEEIRO. Revista de Política e Cultura da seção sindical dos docentes da UFS. Ano 2 Vol. 3.

SILVA, Inaê Elias M.da. (2003) *Brasília, A cidade do silêncio*. Brasília: Universidade de Brasília, (Tese de doutorado).